

INTERDISCURSO E FORMAÇÃO IDENTITÁRIA DO PROFESSOR SINDICALISTA APOSENTADO

INTERDISCOURSE AND IDENTITY FORMATION OF THE RETIRED UNION TEACHER

Simone Vieira de Matos¹

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Silvane Aparecida de Freitas²

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Resumo: Este artigo enquadra-se aos preceitos teóricos metodológicos da Análise do Discurso de linha francesa, e tem como objetivo analisar o discurso de professoras sindicalistas aposentadas, membros do Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo-APEOESP, no município de Jales-SP. Por meio de uma entrevista semiestruturada, coletamos os discursos das professoras sindicalistas, a fim de investigar como se manifesta o discurso sindical em sua constituição identitária. Assim, destacamos as experiências e desafios enfrentados por essas professoras enquanto membros do sindicato da categoria, que impactaram e fizeram com que permanecessem sindicalizadas mesmo após a aposentadoria. Ao analisar os dados coletados, priorizamos os acontecimentos exteriores ao discurso, ou seja, a interdiscursividade, que remetem a um já dito, que refletem sobre as materialidades que intervêm na construção identitária dessas docentes. Consideramos que essas professoras permanecem na luta sindical, mesmo após serem aposentadas, uma vez que buscam no sindicato possibilidades de avanços nas políticas públicas da educação, fortalecendo o reconhecimento e a valorização da categoria.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Professor sindicalista; Identidade.

Abstract: This article frames the theoretical methodological precepts of French line Discourse Analysis, and aims to analyze the discourse of retired unionist teachers, members of the Union of Official Education Teachers of the State of São Paulo - APEOESP, in the city of Jales-SP. Through a semi-structured interview, we collected the discourses of the unionist teachers, in order to investigate how the union discourse manifests itself in its identity constitution. Thus, we highlight the experiences and challenges faced by these teachers as members of the category's union, which impacted and made them remain unionized even after retirement. When

¹ Licenciada em LETRAS e Pedagogia, professora da rede municipal de educação de São Francisco, SP, Aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado em Educação PGEDU/UEMS, Unidade Universitária de Paranaíba.

² Pós doutorado, IEL/Unicamp campinas. Doutorado, Unesp/Assis. Mestrado, Unicamp/ campinas. Professora Sênior da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Mestrado em educação, Unidade de Paranaíba-MS.

analyzing the collected data, we prioritize the events outside the discourse, that is, the interdiscursivity, which refer to what had already been said, which reflect on the materialities that intervene in the identity construction of these teachers. We consider that these teachers remain in the union struggle, even after being retired, since they seek in the union possibilities of advances in public education policies, strengthening the recognition and valorization of the category.

Keywords: Discourse Analysis; Unionist teacher; Identity.

**Submetido em 8 de agosto de 2024.
Aprovado em 4 de setembro de 2024.**

Introdução

Esse artigo é parte da dissertação de Mestrado, “A FORMAÇÃO IDENTITÁRIA DE PROFESSORAS SINDICALISTAS APOSENTADAS: experiências e desafios”. Ele se originou após observarmos e seguirmos, nas redes sociais, um grupo de professoras sindicalistas aposentadas, membros do Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo - APEOESP, no município de Jales-SP. Chamou-nos a atenção o fato de que mesmo aposentadas, essas professoras continuavam a participar ativamente das lutas sindicais dessa associação de docentes. Verificamos que algumas delas eram membros sindicais há mais de 30 anos, e ainda lutavam por seus direitos e pela melhoria da educação pública. Tendo em vista esse contexto, questionamo-nos: Como ocorre o processo de constituição identitária dessas professoras em diferentes esferas do sindicato?

Diante dessas indagações, optamos por buscar fundamentos na Análise do Discurso de orientação francesa, com o objetivo de desenvolver uma pesquisa que pudesse compreender e problematizar as vivências e desafios de professores que sempre estiveram envolvidos na luta sindical.

Nossa perspectiva teórica de pesquisa se baseia nos pressupostos da Análise do Discurso de orientação francesa, cuja teoria foi precursada pelo estudioso Michel Pêcheux, considerado o fundador da Análise do Discurso francesa. Ressaltamos que, na contemporaneidade, especialmente em uma perspectiva discursiva desconstrutivista (CORACINI, 2007), tem-se buscado aporte também nas teorias foucaultianas, as quais têm somado grandes contribuições aos estudos discursivos. Assim, nesta pesquisa, estamos trabalhando com essas duas perspectivas teóricas, Pechêux e Foucault no intuito de melhor problematizar nosso objeto de estudo, visando a compreender a

produção social de sentidos realizada por sujeitos históricos, por meio da materialidade da linguagem.

O presente artigo tem como objetivo analisar as marcas enunciativas das professoras sindicalistas aposentadas membros da APEOESP³, subsede do município de Jales, com o fito de compreender as instâncias sociais que atravessaram o processo de constituição de identidades, vivenciadas por estas professoras em diferentes esferas do sindicato.

1 Abordagem discursiva e interdiscurso

Ao refletirmos sobre a linguagem, na perspectiva discursiva, deixamos de considerá-la apenas como instrumento externo de comunicação e de transmissão de informação, como era na visão estruturalista de linguagem, para vê-la como uma forma de atividade entre os protagonistas do discurso.

Essa mudança de perspectiva colaborou para o surgimento dos estudos da linguagem. Sob uma nova ótica, a linguagem enquanto discurso, que é a Análise do Discurso de orientação francesa (AD). Surgiu a partir dos anos 60 do século XX, no cenário da intelectualidade francesa, e tomou o discurso como seu próprio objeto, visando suprir a insuficiência da análise de conteúdo praticado nas ciências humanas (BRANDÃO, 1998). Pêcheux (2008), especialmente em sua linha materialista, apresenta uma nova reflexão em relação a linguagem, não se contentando com o que já foi feito com as evidências, mas refletindo nos entremeios. Assim seus princípios teóricos não estão direcionados às categorias do conhecimento (disciplinas), mas às lacunas existentes entre uma área e outra.

Na perspectiva discursiva de Pêcheux (2008), o que interessa à Análise do Discurso a produção de sentidos, são os sentidos que produzimos cotidianamente por meio da língua, permitindo analisar unidades além das frases. Dessa maneira, o texto não é mero amontoado de frases: texto pode ser uma simples palavra em uma situação enunciativa. Não se apresenta de forma sistemática, mas segue diferentes perspectivas em diferentes épocas, até chegar aos estudos enunciativos e discursivos

³ A APEOESP (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo) foi fundada no dia 13 de janeiro de 1945, em São Carlos.

desconstrutivistas estudados atualmente. Segundo Cardoso (1999), a linguagem, enquanto discurso, não constitui apenas um universo de signos que serve como instrumento de comunicação ou suporte de pensamento. Na perspectiva discursiva, a linguagem é interação, um modo de produção social; ela não é neutra, inocente e nem natural, sendo por isso o lugar privilegiado de manifestação da ideologia.

Enquanto manifestação ideológica, a linguagem, segundo Bakhtin (2006), é composta por enunciados que dialogam entre si, pois a língua é viva, produzida na e pela história e, ao mesmo tempo, produtora da história dos homens. Isso porque:

A palavra é o signo ideológico por excelência; ela registra as menores variações das relações sociais, mas isso não vale somente para os sistemas ideológicos constituídos, já que a “ideologia do cotidiano”, que se exprime na vida corrente, é o cadinho onde se formam e se renovam as ideologias constituídas (BAKHTIN, 2006, p. 17).

É por meio da língua que o homem interage em sua comunidade e cria meios para transformá-la. “A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico, ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras, somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida” (BAKHTIN, 2006, p. 95). Nessa perspectiva, ressaltamos que o discurso/linguagem não considera apenas os elementos linguísticos; partimos destes, mas consideramos também o extralinguístico, ou seja, as condições de produção do discurso, o sócio-histórico e ideológico, que são fundamentais na produção de sentidos.

Relacionando esses pressupostos teóricos ao discurso sindical, ressaltamos que este está inserido em uma arena de conflitos, conforme apregoado por Bakhtin (2006). Por isso, é importante destacar que os discursos não são fixos, eles sofrem transformações estão sempre em movimento e é preciso considerar os elementos que possuem existência social, como ideologias e História (ORLANDI, 2020, p.22). Sendo assim, consideramos que os discursos do professor sindicalista acompanham as transformações sociais e políticas de toda natureza que integram a vida humana, seja ele aposentado ou não. Esses discursos são formados por muitos já-ditos, ou seja, interdiscursos.

Ao analisar o interdiscurso desses professores, consideramos a constituição de um discurso em relação a outros já existentes, pois:

[...] o interdiscurso não é transparente nem, muito menos, o sujeito é a origem dos sentidos, ninguém consegue enxergar a totalidade significativa nem compreender todos os percursos de sentido produzidos socialmente. A coerência visível em cada discurso particular é efeito da construção discursiva: o sujeito pode interpretar apenas alguns dos fios que se destacam das teias de sentidos que invadem o campo do real social (GREGOLIN, 2007, p. 15).

Os agenciamentos discursivos controlam o efeito de coerência e unidade de cada texto; elimitam, classificam, distribuem e ordenam os acontecimentos discursivos em dispersão, permitindo a relação de um texto com um domínio de objetos. Qualquer sujeito possível pode prescrever uma posição definida, estar situado entre outras performances verbais e estar dotado, enfim, de uma materialidade repetível.

2 A constituição identitária de docentes: um movimento na história

Todos possuem identificações, crenças e ideologias. Não somos constituídos por uma única identidade; temos identidades, pois somos sujeitos multifacetados, fragmentados e sempre em processo de formação. “Não há uma identidade possível a não ser na ilusão, na promessa sempre adiada da coincidência consigo mesmo, do pertencimento imaginado (e inventado) a uma nação, a um grupo que se assemelha aqueles que são desiguais, inassimiláveis” (CORACINI, 2007, p. 49). Dessa maneira, a questão das identidades refere-se a sentimentos de pertença a um grupo, uma nação, uma etnia, uma religião, enfim, pertença marcada pela historicidade.

A constituição identitária compreende as configurações profissionais e sociais relacionadas à história do sujeito. Para melhor compreender a constituição identitária dos sujeitos, consideramos o contexto social e histórico nos quais esse sujeito está inserido. Dessa forma, em vez de falar de identidade como algo acabado, Coracini (2003) propõe usar o termo “identificação” que remete a um processo em andamento, pois, só é possível capturar momentos de identificação do sujeito com outros sujeitos, fatos e objetos. “Convém lembrar que toda identificação com algo ou alguém ocorre na medida em que essa voz encontra eco, de modo positivo ou negativo, no interior do sujeito” (CORACINI, 2003, p. 243).

Seguindo essa rede de ideias, recorreremos a Carmagnani (2003), para afirmar que a complexidade do conceito de identidade é resultado do fato de que as identidades

modernas estão sendo fragmentadas, descentradas ou deslocadas a partir de um tipo de mudança estrutural que está transformando as sociedades desde o final do século XX.

Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade que, no passado forneceram-nos sólidas localizações como indivíduos sociais. Essas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados (CARMAGNANI, 2003, p. 306-307).

Nessa perspectiva, segundo Carmagnani (2003), o processo de identificação tornou-se mais variável, provisório e problemático resultando no sujeito pós-moderno, caracterizado por não ter uma identidade fixa, permanente ou essencial. Ou seja, o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos. Ele vai além, afirmando que a identidade se torna uma celebração móvel, isto é, ela é formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas formais que nos rodeiam.

Portanto, analisar as identificações de docentes aposentados, com tempo de sindicalização, remete-nos a uma reflexão dos traços em torno dos quais se dá a constituição identitária desse docente atuante no mundo sindical, na luta pelos ensejos de sua categoria. De modo geral, podemos questionar o porquê de um professor já aposentado continuar atuando no mundo sindical, como esses sujeitos são representados dentro da categoria e como eles se representam a si mesmos enquanto tal. Além disso, de que maneira essas representações assinalam pontos de identificação que, geralmente, não são considerados no mundo sindical e nem pela sociedade.

Pensar a identidade do sujeito-professor numa época em ela parece perdida, em meio a um contexto de perdas - perda de poder aquisitivo, perda de reconhecimento, perda de respeito, perda de ânimo - é um desafio que estamos enfrentando, não na busca de unidade, de características que, uma vez arroladas, levariam-nos a definir, de uma vez por todas ou por um dado período de tempo, uma individualidade ou um grupo social; assim procedendo, talvez chegássemos a elencar as principais tarefas do professor enquanto profissional, mas jamais à subjetividade - não no sentido idealista do termo, diga-se de passagem que se manifesta via imaginário na relação com o outro (aluno) e consigo mesmo (auto-imagem) pela linguagem. (CORACINI, 2003, p. 14).

Nesse viés, podemos afirmar, assim como Coracini (2007), que as identidades não são ligadas a um “eu” coerente, pois o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos. Não existe uma identidade plenamente unificada e completa, pois,

à medida que somos confrontados por inúmeras e desconcertantes identidades, os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam. A partir disso, somos capazes de nos identificar, com cada situação social, econômica, política, cultural e pessoal. Posso ser professor, ser sindicalista, mãe, religiosa ao mesmo tempo. Dessa maneira, as situações vivenciadas pelos docentes sindicalistas aposentados, culminam na produção de um novo sentido, mostrando que a constituição da identidade do sujeito é multifacetada, está sempre se transformando, sempre em constituição.

Nessa perspectiva, corroborando as questões identitárias, Silva (2000, p.84) argumenta que:

O processo de produção de identidade oscila entre dois movimentos: de um lado, estão aqueles processos que tendem a fixar e a estabilizar a identidade, de outro, os processos que tendem a subvertê-la e a desestabilizá-la. É um processo semelhante ao que ocorre aos mecanismos discursivos e lingüísticos nos quais se sustenta a produção de identidade. Tal como a linguagem, a tendência da identidade é para a fixação. Entretanto, tal como ocorre a linguagem, a identidade está sempre escapando. A fixação é uma tendência e, ao mesmo tempo, uma impossibilidade.

Nessa concepção, Silva (2000) destaca que as identidades são construídas e reconstruídas no processo discursivo do indivíduo e na dinâmica da vida social. A identidade está relacionada a sistemas de poder, ou seja, aquele que tem o poder de representar também tem o poder de determinar e definir a identidade. Por conseguinte, a representação ocupa um lugar central na teorização contemporânea sobre identidade e nos movimentos sociais ligados a ela. Sob essa perspectiva, o autor também considera que a identidade não é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Pode-se afirmar que a identidade é um efeito, uma construção, um processo de produção, um ato performativo, uma relação.

Falar de identidade e de linguagem é transformar o sujeito em uma palavra de intervalo no decurso de sua vida e de sua história. Essa palavra comprometida não é senão o próprio sujeito por intermédio do discurso, por um discurso inconsciente que nos habita que é construído por um “eu” partir de um “outro” em uma alteridade sem limites. Dessa maneira, falar em identidade e subjetividade implica designar algo que não é fixo e não pode ser sistematizado, pois não se trata de uma filiação a um modelo acabado e fechado, mas sim, de um deslocamento com relação à racionalidade moderna. Isso porque “As identificações não existem em si mesmas, elas são incessantemente

(re)construídas por meio da relação com o outro e emergem apenas por momentos, pela porosidade da linguagem” (LIMA, 2003, p. 273).

A questão identitária é entendida, portanto, como um processo em movimento, pois o sujeito se constitui pela multiplicidade de discursos, pela heterogeneidade e pelo descentramento de si. As identificações não se processam apenas no âmbito das relações intersubjetivas (uma pessoa X transformando-se por identificação em Y); trata-se sim, da imbricação de duas instâncias do inconsciente: o eu e o objeto (ECKERT-HOFF, 2003). Os diversos dizeres do outro passam a fazer parte do eu, como fios entrelaçados constituindo identificações em movimento.

Podemos salientar, que as identificações são sempre fragmentadas, não são singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, posições e práticas que podem se cruzar e ser antagônicas. De acordo com Coracini (2003), as identificações não são homogêneas nem integrais; constroem-se na heterogeneidade, na dispersão dos múltiplos sentidos das múltiplas vozes, no esfacelamento, pois dentro de nós, há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal maneira que nossas identificações estão sendo continuamente deslocada pela presença de discursos outros.

As nossas identificações anteriores, segundo Coracini (2003), são deslocadas pela presença de outros discursos, partem em diferentes direções e, assim, o imaginário de todo sujeito se constrói por meio do outro. Dessa forma, podemos destacar que o discurso e o sujeito, em seus processos de identificação, são constitutivamente heterogêneos. Essa heterogeneidade de vozes vindas do interdiscurso são as marcas linguístico-discursiva deixadas no fio intradiscursivo.

Ao abordamos a questão da subjetividade e da identidade, acreditamos que um caminho que possibilita a compreensão dos processos de identificação do sujeito-professor, na perspectiva da pós-modernidade, seria considerar dois níveis interdependentes, a saber: o intradiscurso e o interdiscurso. É o fio discursivo (intradiscurso) que nos permite buscar os discursos outros pela memória discursiva (interdiscurso), pois consideramos que tanto o intradiscurso como o interdiscurso fazem parte de uma cena discursiva sócio-histórica-ideológica (ECKERT-HOFF, 2003).

Não podemos delimitar nosso caminho; estamos em constante movimento. Nossa língua, a nossa linguagem, a história, a cultura, o discurso, as nossas ideologias vão se

moldando conforme nossas vivências, escolhas e formação. A todo momento, somos interpelados pela nossa memória discursiva, o que revista o já-ditos, evocando um saber que, por sua vez, engendra um poder.

Seguindo o pensamento de Foucault (1998), o fio intradiscursivo, disponibilizado pelo interdiscurso designa a relação à tomada de poder-saber, o que leva a compreender o sujeito como sendo constantemente frequentado pelo outro. Para Coracini (2001), nossas identificações são construídas a partir de nossa história pessoal, de nossas experiências vividas, de nossas leituras realizadas e a presença do(s) outro(s) é incontestável, provocando, a cada momento, deslocamentos, (re)significações, que são provenientes dos confrontos com o diferente, que não se apresenta de fora para dentro, mas que habita em nós, construindo a nossa subjetividade.

Portanto, podemos afirmar que “Há uma posição-sujeito que resiste ao poder e outra que se assujeita ao mesmo poder do discurso de formação. As imagens que foram instituídas, historicamente, acerca do professor permanecem na memória discursiva desse sujeito e têm efeitos de poder.” (ECKERT-HOFF, 2003, p. 278). Nessa perspectiva,

Partimos do pressuposto de que, ao enunciar, o sujeito-professor tece discursos e, para tanto, mobiliza a memória discursiva, produzindo uma mexida, um deslocamento na rede de filiações sócio-históricas e ideológicas de identificação- das quais, por sua vez, também é efeito- e o faz, ainda que inconscientemente, com palavras já ditas. (ECKERT-HOFF, 2003, p. 291).

Por isso seus posicionamentos mudam, ele convive em uma teia de inter-relações, uma teia de ideias divergentes, assim as associações sindicais se transformam no grande locus de formação identitária dos sujeitos professores, por viver numa arena de conflitos e de lutas na tentativa de defender a sua classe.

Assim, podemos afirmar como Coracini (2003) que a identidade é formada ao longo do tempo, por meio de processos inconscientes, não podendo ser vista como algo inato, ou seja, como algo que existe na consciência desde o nascimento. Ao destacarmos as identidades do professor sindicalista, podemos afirmar que está sempre em formação, sempre em processo, permanecendo sempre incompleta, sempre pronta para o novo.

Complementando esses dizeres, a autora destaca que ao falar de identidade, é preciso entendê-la, não como a completude ilusória de um sujeito indiviso ou como

resultado da plenitude, mas de uma “falta”: falta de inteireza que procuramos preencher (sem jamais conseguir), pelas maneiras das quais imaginamos ser vistos pelos outros, a partir do nosso interior: sabemos quem somos em relação ao outro que não podemos ser. “Aliás, o desejo do outro é a expressão do desejo de completude que nos habita e se manifesta na busca da verdade, do controle de si e dos outros” (CORACINI, 2003, p. 243).

Sobre essa questão, Coracini (2003) nos apresenta dois tipos de identificação: a simbólica e a imaginária baseada na teoria de Nasio (1997). A identificação simbólica tem como componente o significante e o sujeito do inconsciente que “baliza, invariavelmente, uma vida significativa e que, apesar disso, é subtraído dessa vida” (CORACINI, 2003, p. 274). Já a identificação imaginária está voltada para a imagem e para o eu e consiste num sujeito do inconsciente o que equivale a dizer que na representação imaginária: “o eu só se identifica seletivamente – ainda que inconscientemente- com as imagens em que se reconhece, ou seja, com aquelas que evocam, de alguma forma, a figura do outro” (CORACINI, 2003, p. 274).

É, pois, mediante essa visão de identificação e de sujeito heterogêneo que situamos nossa pesquisa sobre o professor sindicalista. É importante analisar o discurso do professor sindicalista atravessado pelo dizer de sua vivência no sindicato que, por sua vez, é tecido por inúmeros fios discursivos e do outro que o constitui.

3 Representações identitárias das professoras sindicalistas: análise discursiva

Os sujeitos selecionados para esta pesquisa são (7) professoras sindicalistas aposentadas, membros da APEOESP subsede de Jales-SP, que possuem mais tempo de adesão ao sindicato, as quais aceitaram prontamente a fazerem parte desta pesquisa. Para isso, por meio de uma entrevista semiestruturada, coletamos os relatos dessas docentes sobre sua história e atuação sindical. Após coleta e transcrição dessas entrevistas, selecionamos (8) excertos, no intuito de melhor entendermos e problematizarmos a constituição identitária desses sujeitos.

A entrevista foi realizada por meio do aplicativo Google Forms e enviada aos professores por meio de um link (<https://forms.gle/pTE2qvKyzEyLJBTM6>). É importante ressaltar que o Projeto de Pesquisa foi aprovado no comitê de ética em julho

de 2023 com CAAE: 69609923.0.0000.8030, em que estava previsto que cada participante tivesse acesso ao TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido). Assim, os sujeitos desta pesquisa leram o TCLE, assinaram e concordaram em participar da pesquisa.

Para melhor organização dos dados, durante nossa análise, e não comprometimento ético dos sujeitos optamos por identificar cada sujeito como Professora (1), Professora (2), assim por diante. Os excertos das entrevistas foram identificados como recortes discursivos, os quais utilizamos a letra R, intitulado R(1), R(2) e assim sucessivamente.

A análise de dados, a seguir, se dá pela leitura e problematização dos recortes selecionados, como em um exercício de leitura. Mediante os pressupostos teóricos da Análise do Discurso, a cada leitura que fazemos, novos sentidos produzimos, dependendo do momento histórico em que nos inserimos, por isso a cada nova leitura, novos sentidos poderão ser produzidos.. Assim, direcionamos nosso olhar aos dados desta pesquisa, a fim de analisar e problematizar os interdiscursos presentes nos relatos dos sujeitos desta pesquisa.

Afoitos para entender melhor quem são esses sujeitos, solicitamos-lhes que buscassem em suas memórias, recordações sobre as manifestações sindicais que já participaram. Assim, questionamos se houve alguma reivindicação ou manifestação sindical que marcasse sua vida como sindicalista. Assim, obtivemos a seguinte resposta:

R(1): Sim, a greve de 1992 quando ficamos 90 dias lutando por melhores condições de trabalho e salários e éramos recebidos com cacetes, bombas de gás, spray de pimenta e por policiais na capital paulista e desistimos das nossas lutas e assembleias. Professora (2).

A professora (2), em R(1), ao responder essa questão, menciona que já havia participado de manifestações sindicais, trazendo à tona a greve de 1992. Ela enfatiza que foram muitos dias, noventa (90) dias, lutando por melhores condições de salário e trabalho. No entanto, destaca que, aquelas manifestações, “éramos recebidos com cacetes, bombas de gás, spray de pimenta”. Mediante esses dizeres, podemos observar os maus-tratos que a categoria enfrentava em suas reivindicações. Essa Professora (2) especifica os termos que nos remete a agressões físicas sofridas e, em seguida, sem mencionar outros tipos de agressões conclui “desistimos das nossas lutas e assembleias”, mostrando que enfrentaram dias intensos de lutas, mas tiveram que

desistir.

Por meio desses dizeres, observamos um silenciamento a outros tipos de agressões (agressões psicológicas, corte de ponte, demissão de quem está em estágio probatório e convocado). Esse silenciamento talvez poderia revisitar outros tipos de violência mais intensos que o “spray de pimenta”, “os cacetes” e “bombas de gás”, como se ali, não houvesse educadores reivindicando por melhorias educacionais e salariais, mas sujeitos considerados “arruaceiros” (que não tem o que fazer). Assim os conflitos e a pressão de uma greve se transformam em luta, uma arena de batalha, por isso lutaram 90 dias. Nessa luta, ou guerra armada, tiveram de enfrentar até policiais armados (cacetes, bombas de gás, spray de pimenta).

Verificamos que, apesar de os professores serem trabalhadores que lutam para a melhoria do ensino, das condições de trabalho e salários justos para a categoria, eles são recebidos como bandidos, ou até pior, já que sua luta ameaça os poderes constituídos. No discurso da professora (2), podemos observar, ainda, fragmentos que ressurgem de seu inconsciente, verdadeiro arquivo de si, de sua revolta, pelas injustiças enfrentadas. Acontecimentos traumáticos e outros silenciados, depositados no passado soltam suas fagulhas, que se cruzam com recalques e traços significantes responsáveis pela constituição da subjetividade, que respondem pela singularidade de cada um. Podemos afirmar que a existência histórica do enunciado no seio das práticas discursivas, atravessadas por gestos de interpretação, marca a relação do homem com a linguagem (CORACINI, 2011). Assim, a greve de 1992 demarca o enunciado histórico, a luta de uma categoria que se alavanca mostrando sua força.

Continuando nosso movimento na história, verificamos a mudança de posicionamento da professora (2), quando questionada sobre qual a visão tinha do sindicato antes de ser sindicalista, um antes e um depois: “R(2): Achava que era cabide de empregos para pessoas desocupadas” professora (2).

Pelo discurso da professora (2), podemos destacar o termo “cabide” que corresponde a algo usado para pendurar roupas, objetos. No entanto, informalmente, esse termo utilizado para designar pessoas que acumula vários empregos, cargos ou remunerações, geralmente sem trabalhar muito. Esse termo é empregado metaforicamente para designar aqueles que empregam familiares (nepotismo), por indicações políticas, ou seja, para ocupar cargos por “apadrinhados” em alguns setores

públicos ou até mesmo em empresas. Podemos verificar a imagem que a professora (2) tinha do sindicato antes de ser sindicalista, “achava que era cabide de emprego”.

Pela materialidade do discurso, salientamos as posições ideológicas do sujeito; o discurso será sempre produzido em um dado lugar histórico-social sob uma ideologia e a isso denominamos condições de produção do discurso. De acordo com Fernandes (2008), condições de produção são os aspectos históricos, sociais e ideológicos que envolvem o discurso, ou que possibilitam a sua produção. Desse modo, as condições de produção do discurso é que vão determinar os sentidos do discurso. No caso, o sentido de “cabide de emprego” está relacionado ao contexto sócio-histórico e ideológico em que o sujeito estava inserido no momento em que o discurso foi produzido. Como não era sindicalizada ainda, o sentido de sindicalista era igual a “cabide de emprego”.

Ao questionar como os professores sindicalistas são vistos pelos professores não sindicalizados, a professora (3) destacou: R(3): “É visto como “baderneiros” grevistas” professora (3).

Analisando o adjetivo “baderneiros”, no processo de formação lexical, o uso do sufixo “-eiro” implica um sentido marcadamente depreciativo ou pejorativo, remetendo a categoria de menor prestígio social. Em relação ao significado da palavra, relaciona-se àquele que gosta de fazer baderna, causar desordens, criar confusões. O adjetivo “grevistas”, que também é associado ao professor sindicalista, tem como pessoa que promove uma greve ou associa-se a ela. Atendo-nos ao sufixo “ista”, segundo o dicionário Oxford Languages, temos que é utilizado para “designar o praticante de uma atividade ou adepto de um movimento ideológico”. Portanto, ideologicamente, em R(3), o grevista é visto de forma pejorativa, não é só aquele que faz ou promove uma greve, mas aquele que vive de fazer “greve” desocupado, aquele que protesta. O discurso da professora (3) alinha-se às reflexões sobre a imagem que o professor não sindicalizado faz do professor sindicalista. A visão dessa professora é refletida na história do sindicalismo brasileiro como vozes sociais e a imagem produzida no enunciado destacado em R(3), caracteriza o professor sindicalista como “baderneiros e grevistas”, está relacionada a uma memória social inscrita nas práticas da sociedade.

Considera-se que a relação que se estabelece discursivamente entre as ações de sindicalistas e identificação do professor sindicalista com o seu papel na sociedade sustentam “um pacto de remomaração, memoração e comemoração, que é enunciado

por práticas verbais e imagéticas e determinam a tentativa de fechamento identitário de uma comunidade” (SARGENTINI, p. 90, 2011).

Sob outra perspectiva, a professora (4), em R(4), relata sobre como o professor sindicalista é visto pelos alunos e pela sociedade. “R(4) Como um ser corajoso que se preocupa com uma sociedade melhor” professora (4).

Verificamos que em R(4), temos uma imagem idealizada do fazer docente, destacando, nesse fazer, viabilidade de apresentar soluções para diferentes problemas sociais, uma vez que, historicamente, estipula-se para a educação a função de “salvador da pátria”. Sob essa perspectiva, a docência representa um lugar de prestígio social, e, portanto, um lugar de poder. Podemos observar que a professora (4) coloca o sujeito professor no centro de seu discurso, preocupando-se em destacar a construção da identidade desse docente, dessa ilusão de inteireza que constitui cada um de nós, e isso é colocado em pauta todas as vezes que questionamos quem somos nós. Uma vez que:

Somos o que nosso imaginário nos permite ser, ou melhor, vemo-nos- a nós e aos outros- a partir de imagens e representações que fomos construindo a partir do olhar do outro, que, pouco a pouco, constrói nosso eu- quem e como somos-, traços que, seletivamente, vão constituindo nossa memória subjetiva, inconsciente, tornando nos reféns da linguagem, sujeitos da linguagem que somos (CORACINI, 2011, p. 13).

Dessa forma, o efeito de memória deve, então, ser compreendido dentro de uma concepção na qual a toda formação corresponde um domínio de memória, de onde se pode extrair outras formulações com as quais uma dada formulação formará uma série. A expressão “ser corajoso que se preocupa com uma sociedade melhor”, tem uma existência histórica no interior de práticas discursivas e, apesar de já dito, pode ainda vir a ser dito e nessa formulação atualizar sentidos (SARGENTINI, 2011).

Por meio do questionamento do que é ser professor, analisamos em R(5), “mesmo com muitas decepções, ser professor é um dom que só quem Deus escolhe consegue terminar sua jornada. Ser professor é também ser pai, mãe, psicóloga, amigo, companheiro” professora (6).

Nesse excerto, verificamos que na concepção da professora 6, essa profissão exige muito mais que estudo e dedicação, é “um dom”, ou seja, uma qualidade inata, natural, aptidão, talento, Nesta concepção idealizada de professor-herói, prevalece a concepção tradicional, e, ao mesmo tempo, sedutora de professor como ser

vocacionado, espécie de missionário, chamado a educar à maneira de sacerdócio, remetendo ao tempo que ensinar não era profissão, mas missão. No Brasil, desde os primórdios, a educação esteve nas mãos de religiosos (sobretudo jesuítas), o que empresta ainda maior visibilidade à imagem do professor como missionário.

Reforçando essa ideia, o sujeito da pesquisa destaca: “só quem Deus escolhe consegue terminar sua jornada”. Esse discurso nos remete aos dizeres de Coracini (2003, p. 246) “é a figura do missionário que, apesar de herói, é humano [...] Como o Cristo subiu o monte das Oliveiras, o professor sobe a ladeira da escola, ladeira do sofrimento e da redenção dos homens pela educação.” Isso nos remete ao discurso vitimizador que o professor carrega consigo, fruto de uma sociedade que também o vitimiza.

Não sabemos as dificuldades pelas quais essa professora passou, porém, por meio do seu discurso, podemos salientar que é uma profissão muito desgastante, da qual poucos conseguem aposentar. O fato de começar seu discurso com a expressão “mesmo com muitas decepções”, já denota que, na visão dessa professora, no decorrer de sua carreira, ela passou por muitas decepções e desafios, assim como a maioria dos profissionais da educação. Sobre esse discurso de falta de reconhecimento, Coracini (2003) traz uma reflexão, analisando um discurso semelhante em uma das professoras entrevistadas por ela: “como não é possível uma realização profissional digna, proveniente de um reconhecimento real de sua importância e de seu saber, o professor refugia-se ou busca compensações na visão idílica daquele que, apesar de tudo, continua sua missão” (CORACINI, 2003. p. 254).

Além disso, por não ser valorizado, o professor precisa trabalhar muito mais que oito horas de trabalho, escravizando-se para sobreviver. Com isso, o desgaste torna-se maior, isso quando não precisa “fazer bico” para sobreviver. Bakhtin, em *Marxismo e filosofia da linguagem*, destaca que o problema da significação, está na compreensão em que os interlocutores determinam algo, pois “a significação não está na palavra, nem na alma do falante, assim como não está na alma do interlocutor” (BAKHTIN, 2006, p. 132), mas sim na materialidade da enunciação, nesse caso, está na luta dessas professoras, na forma que encaram e encarnam a profissão docente.

Dessa maneira, podemos afirmar que o discurso da professora (6) está associado a uma carreira profissional frustrante e árdua: mostra um certo descontentamento,

ênfatisado ao dizer “só quem Deus escolhe consegue terminar sua jornada”. Bakhtin (2006) afirma que “o essencial na tarefa de decodificação não consiste em reconhecer a forma utilizada, mas compreendê-la num contexto preciso, compreender sua significação numa enunciação particular” (BAKHTIN, 2006, p. 93). Nesse caso, há um certo exagero dessa professora, pois esses dizeres seria o mesmo que afirmar que todos somos escolhidos por Deus. Já que uma minoria morre no meio da jornada ou desiste de ser professor. Será que não é nossa persistência e determinação que nos leva a cumprir nossa jornada? Entretanto, o professor se sente tão vitimizado que seu discurso é marcado por suas crenças no sobrenatural.

Desse modo, as palavras em si não são neutras; elas significam na história e na língua, no caso na história de cada uma dessas professoras. Para que o dizer tenha sentido, é preciso que este esteja sustentado por um saber discursivo, ou seja, por um já dito, que de acordo com Orlandi (2020), é o que é falado antes, em outro lugar independente, isto é, a memória discursiva, o interdiscurso.

Ao analisar R(5), temos fagulhas do que é ser professor, exemplificado como alguém que tem um “dom que só quem Deus escolhe consegue terminar sua jornada”. Ser professor é também ser pai, mãe, psicóloga, amigo, companheiro. Podemos salientar que esses significados, atribuídos ao sujeito professor, não são propriedades particulares, ou seja, as palavras não são de alguém em particular. “Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa em nossas palavras”. (ORLANDI, 2020, p.32). Essa relação do dizer que o sujeito professor faz com o já-dito é o que facilita a compreensão do funcionamento e a análise do discurso, estabelecendo a relação com os sujeitos e com a ideologia. É essa ideologia de professor missionário que se tenta inculcar na consciência do professor (e da sociedade), visando a justificar os baixos salários, já que um missionário não recebe por seus afazeres.

Ainda sobre “ser professor”, pelo discurso da professora (2), temos R(6) “Ser professor é alguém que transmite e compartilha conhecimentos, e conseguir ser reconhecido por marcar a vida e o futuro das novas gerações” professora (2).

Já no imaginário da professora (2), temos um professor constituído por representações que apontam para o professor valorizado, enquanto fonte do saber e transformador da sociedade, com a função de modificador de destinos, uma responsabilidade divina. Verificamos, neste discurso, que o professor é visto como

alguém que transmite e compartilha conhecimentos, é caracterizado por marcar a vida e o futuro de novas gerações. Nesse caso, podemos afirmar que a imagem do professor é investida de poder, fazendo crer, que há verdade em sua fala e trajetória, não deixando espaço para a contradição, para a falta que o habita e o constitui em toda a subjetividade. Apesar da concepção mais otimista da função do professor, continua-se atribuindo-lhe a função de “salvador”, “o transformador”, como se o professor sozinho fosse o responsável por essa transformação.

Analisando o discurso R(6), podemos salientar que essas imagens positivas, tradicionais, em que o professor tem um “dom” de ensinar ou de transformar, encontram uma explicação na autoridade divina, que tem a missão de salvar a juventude, o ensinar permanece como desejo ou como um ideal inatingível, atravessado pela imagem do professor vítima de uma sociedade injusta e ingrata.

Ao questionar sobre a importância do sindicato (APEOESP) para os professores, temos nos dizeres da professora (1), a seguinte resposta R (7): “É uma necessidade pelas injustiças da profissão” professora (1).

Ao refletir sobre o discurso dessa professora, nota-se que é um discurso que ressoa o efeito de sentido acerca da profissão docente, ressaltando ser uma profissão que sofre injustiças, segundo a visão da entrevistada. Nessa perspectiva, filiar-se ao sindicato é uma necessidade, seria um ponto A que remete a B. Haja vista que o sindicato seria o ponto de proteção, amparo, uma defesa aos professores. Assim como menciona Possenti (1997, p. 04),

Pêcheux não exclui que o efeito de sentido entre os pontos A e B possa eventualmente ser uma informação. É o que se depreende de sua afirmação segundo a qual não se trata necessariamente disso. O que deve significar que ele propõe apenas – embora para o momento isso não fosse pouco – que não se trata sempre e unicamente de transmissão de informação.

Ao descrever o sentido, seja como informação ou qualquer outra coisa, trata-se sempre de um efeito que pode ser tanto um sentido na forma de efeito, tanto um efeito na forma de sentido. A despeito do termo usado “injustiças da profissão”, torna-se importante ressaltar que o efeito dessa enunciação ressoa que a profissão docente é injustiçada, marcada pela violação de direitos e pela impunidade e cabe ao sindicato proteger a profissão, salvar os docentes.

A diferença de efeitos de sentido se dá mediante o caráter da enunciação; é no

dizer que se processam os efeitos, os sentidos não estão como contrapartida do significante, desse modo, os efeitos de sentido dessa enunciação; evidentemente, atrelados, aos demais significantes de uma cadeia linguageira.

Ao salientar identificações dos sujeitos desta pesquisa, destacamos pontos nos discursos desses sujeitos que remetem a identificações inconscientes, introjetadas sempre a partir do outro, mas que, por estarem já lá, provocam reações, atitudes de recusa ou de aproximação. Ao falar de identidades, é necessário compreendê-las em constante mutação, em movimento. (CORACINI, 2003).

Dessa maneira, no discurso da professora (1), ao comentar sobre sua carreira como sindicalista, temos a seguinte resposta: R (8): “Não era muito participativa devido a minha carga horária de trabalho, depois que me aposentei pude participar mais dos movimentos sindicalistas” professora (1).

Podemos salientar que, nesse recorte, a professora (1) se tornou mais participativa dos movimentos sindicalistas, após a sua aposentadoria, o que nos faz refletir sobre o seu dizer, pois a maioria das pessoas quando se aposentam, desejam descansar, viajar, fazer algo diferente da sua profissão, isso nos faz lembrar o que Souza (1994, p. 17) afirma, ao remeter imediatamente à questão da diferença, já que “a identidade é o que, em princípio, nos diferencia dos outros.” No caso da professora (1), notamos uma mudança em suas identificações após a aposentadoria, ela se transforma, por ter conseguido mais tempo para participar dos movimentos. Há fatores relevantes que podemos considerar que fazia com que essa professora não fosse participativa, como: acúmulo de trabalho, ou até mesmo o problema de consciência de classe.

De acordo com Grigoletto (2003), é preciso esclarecer, que, na teoria psicanalítica, as representações são do domínio da identificação imaginária. “Nessa categoria de identificação, o eu constitui-se como instância psíquica ao se identificar com determinadas imagens do mundo. Mas o eu só se reconhece em algumas imagens, que ele seleciona” (GRIGOLETTO, 2003, p. 225).

Dessa forma, temos como enfoque específico sobre a relação entre as representações sobre as professoras sindicalistas e questões de identidade. As representações podem ser estudadas como porta de entrada para a percepção das identificações de professoras-sindicalistas no contato com o sindicato (APEOESP).

Considerações finais

Por meio dos discursos analisados, podemos salientar que as identificações dessas professoras são formadas por “diferentes vozes” que constituem a memória dos sujeitos enunciadorez desta pesquisa, atribuindo sentidos para a formulação posta. A “luta”, a “valorização da categoria” são discursos provenientes da pauta de mobilização da categoria. Dessa forma, o sujeito-professor sindicalista aposentado assume, também, o lugar discursivo do sujeito neoliberal, cuja ideologia conduz à transformação dos indivíduos em sujeitos, por meio dos rituais materiais da vida cotidiana.

Dessa maneira, quando o sujeito professor sindicalista tem o reconhecimento de seus atos, no momento em que o sujeito insere a si mesmo, mediante suas ações, em determinadas práticas reguladas pelos aparelhos ideológicos, remete-nos à ideia de responsabilidade sobre si, sobre seu próprio futuro, responsável pela manutenção de valores na escola como no sindicato em geral, discurso largamente inculcado pelo sindicalismo, pelo ambiente escolar e até mesmo pela mídia.

O sujeito professor sindicalista aposentado vive uma tensão contínua entre um discurso que o valoriza, produto de um desejo (pessoal, social e político) e outro que o desvaloriza, resultante de uma história marcada, estereotipada e se apresenta como um conjunto disperso de significados que se dizem e se contradizem incessantemente, revelando a alteridade que constitui a identificação dessas professoras sindicalistas.

Por fim, ao analisarmos os discursos das professoras sindicalistas aposentadas (sujeitos desta pesquisa), salientamos que durante o seu percurso como sindicalizadas, passaram por vários desafios, dentre eles, temos as greves, reivindicações, alcançando alguns direitos trabalhistas. No decorrer da história, movimentaram-se, transformaram-se, havendo uma ligação em espiral no processo de construção identitária desses sujeitos, com avanços e recuos na história do movimento sindical docente.

Salientamos que a APEOESP, enquanto organização é expressão de união e solidariedade entre os membros sindicais, unificar as lutas reivindicatórias e os movimentos dos trabalhadores para melhor defender seus interesses econômicos e salariais com capacidade de desenvolver relações estratégicas e orientações próprias. Mesmo aposentadas, essas professoras continuam sindicalizadas, vendo no sindicato possibilidades de defender seus direitos trabalhistas, lutar por negociações de salário

entre outros benefícios.

Referências

APEOESP, Disponível em: <http://www.apoesp.org.br/o-sindicato/historia>, acesso em 27/11/2023.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**, 12a Edição: Hucitec, 2006.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Subjetividade, argumentação, polifonia: a propaganda da Petrobrás**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

CARDOSO, Silvia Helena Barbi. **Discurso e Ensino**. Belo Horizonte - MG: Autêntica 1999.

CARMAGNANI, Ana Maria Grammatico. A questão da identidade na mídia: reflexos na sala de aula, In: CORACINI M. J. R. F. (org.). **Identidade e Discurso: (des)construindo subjetividades**. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, Chapecó: Editora ARGOS. 2003

CORACINI, Maria José. Entre a Memória e o Esquecimento: Fragmentos de uma História de Vida. In: CORACINI, Maria José.; GHIRALDELO, Claudete Moreno (Org.). **Nas malhas do discurso: memória, imaginário e subjetividade**. Campinas: Pontes Editores, 2011.

CORACINI, Maria José. Autonomia, poder e identidade na sala de aula. In: PASSEGI, Luis, OLIVEIRA, Maria do Socorro. **Linguística e Educação: Gramática, discurso e ensino**. São Paulo: Terceira Margem, 2001.

CORACINI, Maria José. **A celebração do outro na constituição da identidade**. Organon: Porto Alegre, 2007.

CORACINI, Maria José Rodrigues Faria. Subjetividade e identidade do (a) professor (a) de português. In: CORACINI Maria José (org.). **Identidade e Discurso: (des)construindo subjetividades**. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, Chapecó: Editora ARGOS. 2003

FERNANDES. Cleudemar Alves. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

- GREGOLIN, Maria do Rosário. **Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades; comunicação, mídia e consumo.:** vol.4 São Paulo, nov. 2007.
- GRIGOLETTO, Marisa. Representação, identidade e aprendizagem de língua estrangeira. In: CORACINI Maria José (org.). **Identidade e Discurso:(des)construindo subjetividades.** Campinas-SP: Editora da UNICAMP, Chapecó: Editora ARGOS, 2003.
- LIMA, Regina Célia de Carvalho, Ser ninguém-ser alguém: análise de discurso de uma narrativa de professor. **Identidade e Discurso:(des)construindo subjetividades.** Campinas-SP: Editora da UNICAMP, Chapecó: Editora ARGOS, 2003.
- MAINGUENAU, Dominique. **Novas Tendências em Análise do discurso;** 3ª ed. Campinas: Pontes, 1997.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos.** 13 ed. Campinas SP: Pontes, 2020.
- PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento.** tradução: Eni P. Orlandi – 5ª Edição, Campinas, SP: Pontes Editores, 2008.
- POSSENTI, Sírio. Sobre as noções de sentido e de efeito de sentido. In: **Análise do Discurso.** V.6, nº 2, Marília: Cadernos da F.F.C.,1997.
- SARGENTINI, Vanice Maria Oliveira. Discurso, Identidade e Fabricação de Memória. In: CORACINI, Maria José.; GHIRALDELO, Claudete Moreno (Org.). **Nas malhas do discurso: memória, imaginário e subjetividade.** Campinas: Pontes Editores, 2011.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais.** Editora Vozes, Petrópolis, 2000.
- SOUZA, Octavio. **Fantasia de Brasil.** São Paulo: Escuta, 1994.